

SOCIEDADE-DISCURSO-COGNIÇÃO: UMA PROPOSTA DE PERCURSO DIDÁTICO PARA O DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO CRÍTICO

Geraldo Emanuel de Abreu-Silva

UFMG (CAPES)

Resumo:

Ensinar espanhol nas escolas brasileiras é tarefa árdua para professores, devido a distintos fatores políticos e estruturais. Torna-se mais complexa, e é uma virtude, ao não se restringir apenas ao capital linguístico stricto sensu. Passa-se a propor reflexões sobre diversos saberes que compõem a formação cidadã dos aprendizes, para torná-los capazes de atuar nas complexas relações contemporâneas. Tais reflexões, devem ocorrer em atividades que promovam o encontro do eu com o outro, preparando os aprendizes para atuar em confrontos de toda sorte, com o fim de construir um capital simbólico crítico, ou seja, trata-se de promover a educação linguística. Em vista disso, apresentamos, as principais características e premissas das perspectivas de leitura, linguísticas, psicolinguística e sociocultural visando a oferecer materiais de caráter útil e didático que possa ser utilizado por outros professores em suas atividades de leitura em sala de aula, elaboramos um quadro explicativo para melhor visualizar seus princípios, materiais para seu desenvolvimento e consequências para a leitura. Oferecemos, de igual maneira, dois exemplos práticos (percursos didáticos), a partir dos gêneros canção e tirinha, sobre as formas cada uma dessas perspectivas podem influenciar no tipo de leitura executada e na construção de significações que, ao seu turno, depende das dimensões cognitivas, sociais e discursivas que constroem significações

Palavras chave: Perspectiva linguística; Perspectiva psicolinguística; Perspectiva sociocultural; Letramento Crítico.

Comentários iniciais

O trabalho de Cassany é bastante representativo para os estudos sobre a leitura, principalmente no mundo hispânico, no entanto suas premissas podem e devem ser estendidas ao ensino da leitura e diferentes línguas. Em vista disto, este trabalho apresenta um panorama das concepções de leitura linguística, psicolinguística e sociocultural, num primeiro momento apresentamos suas características e premissas, mostrando como se relacionam com a sociedade, a capacidade cognitiva e os conhecimentos socioculturais dos alunos para uma prática leitora que é impulsionada partir do código, mas que não prescinde da exploração da capacidade em preencher lacunas dos textos a partir da dimensão psicolinguística e que isso depende dos conhecimentos socioculturais do estudantes, isso nos mostra que ler vai além da superfície textual e depende da mescla de diversas dimensões cognitivas e sociais.

Apresentamos, a seguir, a partir de dois gêneros discursivos distintos (uma canção e uma tirinha) duas propostas analítico-reflexivas, percursos didáticos para os efeitos desta

pesquisa, sobre como essas perspectivas se somam para a construção de significados para os textos lidos e como, cada uma delas, pode levar os alunos a elaborar leituras distintas, segundo o viés que se adote e o arcabouço sociocultural que se aporte ao texto.

Isso serve como base para a conclusão de que o desenvolvimento da compreensão leitora e a elaboração de atividades com este fim devem ser levados a cabo a partir da mescla das três concepções com o fim de desenvolver o Letramento Crítico.

As concepções de leitura

Em seus trabalhos, Cassany (2006; 2020) e Costa (2011) definem e exploram três distintas concepções de leitura, de maneira bastante didática e objetiva, em uma proposta para compreendermos como a leitura pode ser trabalhada em sala de aula e que foi elaborada especificamente para o ensino dessa disciplina. Destaca-se que o trabalho de Cassany não tem a intenção de descrever a especificidade dos processos envolvidos no momento da leitura, pois ele não pretende estabelecer um modelo de leitura, mas sim apresentar três concepções práticas para o ensino de leitura.

Ademais, seus estudos nos permitem perceber como a perspectiva adotada influencia nas práticas docentes e, conseqüentemente, na formação leitora dos estudantes. A proposta de classificação do autor parte uma visão simplificada e mecanicista de leitura, com foco no código escrito, passando por uma visão mais elaborada, baseada na capacidade cognitiva do leitor e em explorar seus conhecimentos prévios, até uma concepção baseada nas práticas letradas críticas, que visam a transformação e participação cidadã dos leitores.

A concepção linguística: foco na superfície textual.

Esta concepção é a que apresenta características mais rudimentares, quanto ao processo de leitura, no entanto, é ainda utilizada em alguns materiais didáticos, “é uma visão mecânica, que dá foco à capacidade de decodificar a prosa de modo literal”¹ (CASSANY, 2006, p. 21). Podemos explicá-lo da seguinte maneira: depois de (re)conhecer os sinais gráficos da página impressa através do movimento sacádico dos olhos, identificamos as palavras, aplicamos regras sintáticas, para criação da coerência local e, por fim, recuperamos as acepções mais comuns das palavras. Para Cassany e Aliagas (*Miradas y propuestas sobre la lectura*, 2009, p.

¹ Tradução nossa. Original: “es una visión mecánica, que pone el acento en la capacidad de decodificar la prosa de modo literal”.

15), “segundo a visão linguística, o conteúdo do texto é o resultado de aplicar esses processos de decodificação”².

Deste modo, o significado do texto se constrói através do processamento do valor semântico das palavras e sua relação com as outras palavras do texto. Pode-se alcançar o entendimento através das acepções presentes em um dicionário ou do aprendizado das regras que regulam as unidades lexicais do idioma. Além do mais, o texto possui significado estável, de fácil entendimento para distintos leitores e independe desses ou do contexto de leitura e produção. Ou seja, a leitura está relacionada simplesmente à decodificação e desconsidera os conhecimentos socioculturais dos leitores ou qualquer que seja a reflexão mais aprofundada sobre o tema estudado.

Para Cassany, nesta concepção de leitura:

Uma mesma pessoa que lesse o escrito em momentos e lugares diferentes também deveria obter o mesmo significado, posto que este depende das acepções que o dicionário atribui às palavras, e estas não se modificam facilmente.³ (*Tras las líneas*, 2006, p. 25).

Podemos ver que todo o significado é provido pelo texto e suas unidades léxicas, o que o leitor deve fazer é recuperar as regras sintáticas e semânticas de cada palavra, relacionando-as com as palavras anteriores e posteriores (CASSANY, 2006). Ler é um processo automático, linear e uniforme feito por leitores que possuam conhecimentos sobre as regras que regulam a língua. Como já visto, o significado de um texto não reside apenas em suas palavras, esta visão é simplista e redutora de um processo bastante complexo. Vejamos, a seguir, outras concepções que expandem a concepção linguística de leitura.

A concepção psicolinguística de leitura: um dos papéis da cognição.

Os textos com os quais temos contato no dia a dia não trazem todas as informações explícitas, muitas vezes ocultam informações, ora por questões de espaço físico ou por obviedade, ora por questões ideológicas ou intenções escusas. É importante saber que, por essas razões, durante a leitura (e interações interpessoais cotidianas) nos antecipamos ao texto

² Tradução nossa. Original: “En resumen, según la mirada lingüística, el contenido del texto es el resultado de aplicar estos procesos de descodificación”.

³ Tradução nossa. Original: “Una misma persona que leyera el escrito en momentos y lugares diversos también debería obtener el mismo significado, puesto que éste depende de las acepciones que el diccionario atribuye a las palabras, y éstas no se modifican fácilmente”.

elaborando previsões e deduções através do aporte dos nossos conhecimentos prévios (KLEIMAN, 1995), além disso criamos determinados significados de acordo com nossas expectativas pessoais sobre determinado assunto, logo construímos, pois, do contrário, todo texto ou conversação seria imenso e cansativo. Segundo Cassany (2006, p. 5)

A comunicação humana é inteligente e funciona de maneira econômica e prática: basta dizer uma pequena parte do que queremos comunicar para que o interlocutor compreenda tudo; produzindo poucas palavras – bem escolhidas – podemos conseguir que o leitor infira tudo⁴.

Assim, para a concepção psicolinguística a leitura consiste em

[...] desenvolver várias destrezas mentais ou processos cognitivos: antecipar o que dirá um escrito, aportar nossos conhecimentos prévios, fazer hipóteses e verificá-las, elaborar inferências para compreender o que se sugere, construir um significado etc. (CASSANY, 2006, p.21)⁵

Para o autor, o significado se constrói e a **decodificação** é apenas o primeiro estágio de um processo psicológico muito mais complexo, que inclui mais dois recursos aos quais recorreremos durante a leitura:

(a) **reconstruir a base do texto**, através do que foi dito, do que pressupomos, do que esperamos e do que sabemos de mundo, ou seja, necessitamos recuperar a argumentação implícita através das inferências que são construídas com base em nossas experiências socioculturais;

(b) **estabelecer um modelo da situação e do contexto imediato ao escrito** (enunciador, lugar, meio, circunstâncias, intenções, público alvo, discursos prévios etc.). Ainda, segundo autor, esses processos implicam as **inferências** locais ou globais que, a seu turno, são produzidas a partir de conhecimentos armazenados em nossa memória. Esse processo culminará na formação de enunciados novos a partir de informações provenientes de conhecimentos que já possuímos.

De acordo com a concepção psicolinguística, é através desses processos cognitivos que entendemos coisas que não foram ditas no texto, compreendemos os sentidos que não correspondem a sua aceção semântica e deduzimos, prevemos e completamos dados do

⁴ Tradução nossa. Original: “La comunicación humana es inteligente y funciona de manera económica y práctica: basta con decir una pequeña parte de lo que queremos comunicar para que el interlocutor comprenda todo; con producir unas pocas palabras —bien elegidas— podemos conseguir que el lector **infiera** todo”.

⁵ Tradução nossa. Original: “Desarrollar varias destrezas mentales o procesos cognitivos: anticipar lo que dirá un escrito, aportar nuestros conocimientos previos, hacer hipótesis y verificarlas, elaborar inferencias para comprender lo que sólo se sugiere, construir un significado, etc.”.

contexto imediato e amplo do texto, relacionando-os ao enunciado linguístico. Para tanto, o leitor deve explorar, dentre outras faculdades cognitivas, sua capacidade inferencial.

Pode-se perceber o destaque que damos às inferências, dentre outras capacidades cognitivas envolvidas no momento da leitura. Isso se dá porque acreditamos que elas nos servem como ponte entre as concepções de leitura linguística, psicolinguística e sociocultural, justamente por defendermos que o indivíduo só é capaz de elaborar inferências⁶ através de seus conhecimentos prévios linguísticos e socioculturais.

Por fim, Cassany (2006, p. 6) resume a concepção psicolinguística da seguinte maneira:

[...] ler não só exige conhecer as unidades e as regras combinatórias do idioma. Também requer desenvolver as habilidades cognitivas implicadas no ato de compreender: aportar conhecimento prévio, fazer inferências, formular hipóteses e saber verificá-las ou reformulá-las etc.⁷

O autor reitera (2006) que o que os estudos psicolinguísticos aportaram sobre as destrezas cognitivas aplicadas no momento da leitura é importante, pois a partir disso podemos construir modelos com descrições sobre o que pode ser considerada uma leitura adequada sob o viés psicolinguístico, como nossa mente funciona para compreender, como formulamos hipóteses e fazemos inferências, por exemplo.

No entanto há uma lacuna nesses estudos, que seria a ausência ou a quase inexistência sobre os componentes socioculturais e as formas como cada comunidade em particular adota a leitura em seu contexto específico. Por exemplo, não consegue explicar as diferenças entre as leituras feitas por um brasileiro e um europeu de uma mesma notícia sobre os preparativos do carnaval no Brasil. Certamente as percepções serão diferentes entre esses leitores, inclusive elas serão diferentes até mesmo entre brasileiros, dependendo de sua relação com essa festa, é possível que duas pessoas de contextos culturais diferentes compreendam completamente um texto, mas que construam significações totalmente adversas. Segundo o autor,

Leitores diferentes entendem um texto de maneira diversa – ou parcialmente diversa – porque aportam dados prévios variados, posto que sua experiência de mundo e os conhecimentos acumulados em sua memória também variam. Uma mesma pessoa pode obter significados diferentes de um mesmo texto, se o lê

⁶ Em vista disso, dedicamos outros trabalhos com foco em elaborar quadros didáticos para a compreensão do que são as inferências, como em ABREU-SILVA (2016).

⁷ Tradução nossa. Original: “[...] leer no sólo exige conocer las unidades y las reglas combinatorias del idioma. También requiere desarrollar las habilidades cognitivas implicadas en el acto de comprender: aportar conocimiento previo, hacer inferencias, formular hipótesis y saberlas verificar o reformular, etc.”

em diferentes circunstâncias, na quais mude seu conhecimento prévio.⁸ (CASSANY, 2006, p. 6)

Portanto, acreditamos que os processos cognitivos, em especial a capacidade inferencial, têm participação essencial na compreensão, todavia sozinhos não são suficientes para explicar a complexidade da apreensão que ocorre durante a leitura, assim faz-se necessário focalizar outro fator determinante, o componente sociocultural, que veremos a seguir.

A concepção sociocultural de leitura: o encontro entre a sociedade, o discurso e a cognição.

Esta concepção é colocada por Cassany (2010) dentro de uma perspectiva crítica de leitura, segundo a qual o leitor deve perceber que o texto se constrói em contextos sociais, políticos e culturais, ademais deve interpreta-los e posicionar-se criticamente sobre eles. O autor (op. cit., p. 354) destaca que “ler e escrever não só são processos cognitivos ou atos de (de)codificação, mas também tarefas sociais, práticas culturais enraizadas historicamente em uma comunidade de falantes”⁹. Cassany compreende a leitura não somente como um processo de (de)codificação ou cognitivo, ele a entende como uma prática cultural e seu significado depende de fatores como o contexto sociocultural.

Há três pontos indissociáveis que são a base desta concepção, o primeiro é que **tanto o significado das palavras quanto os conhecimentos prévios têm origem social**, para Cassany (2006, p.3), “talvez as palavras induzam o significado, talvez o leitor utilize suas capacidades inferenciais para construí-lo, no entanto tudo vem da comunidade”¹⁰. Este primeiro ponto tem base na teoria de sociocultural de Vygotsky (1998), segundo a qual o funcionamento mental dos indivíduos não pode ser estudado isoladamente, mas deve levar em consideração processos sociais nos quais ele se insere, pois, sua relação com o meio irá influenciar diretamente na formação cognitiva onde são armazenados todos os conhecimentos prévios, incluídos os linguísticos e os socioculturais.

⁸ Tradução nossa. Original: “Lectores diferentes entienden un texto de manera diversa —o parcialmente diversa— porque aportan datos previos variados, puesto que su experiencia del mundo y los conocimientos acumulados en su memoria también varían. Una misma persona puede obtener significados diferentes de un mismo texto, si lo lee en diferentes circunstancias, en las que cambie su conocimiento previo”.

⁹ Tradução nossa. Original: “leer y escribir no solo son procesos cognitivos o actos de (des)codificación, sino también tareas sociales, prácticas culturales enraizadas históricamente en una comunidad de hablantes”.

¹⁰ Tradução nossa. Original: “Quizá las palabras induzcan el significado, quizá el lector utilice sus capacidades inferenciales para construirlo, pero todo procede de la comunidad”.

O segundo ponto dessa concepção diz respeito a que **nenhum discurso surge do nada**, pelo contrário, qualquer escrito tem origem social, contexto histórico, há um indivíduo que o escreve, uma instituição que o executa, ou seja, há ideologias que devem ser captadas no momento da leitura, ora expressas de forma explícita, ora de forma implícita. Para Cassany (2006, p.6), “o discurso não surge do nada. Sempre há alguém por trás. O discurso reflete seus pontos de vista, sua visão de mundo. Compreender o discurso é compreender esta visão do mundo”¹¹. Portanto, o discurso sempre reflete a intenção, os pontos de vista, a percepção do mundo, etc. de quem os produz.

O terceiro ponto reitera que **discurso, autor e leitor não são elementos isolados** no momento da leitura, já que as práticas leitoras se desenvolvem em âmbitos sociais com normas e tradições dos quais os indivíduos fazem parte. Qualquer que seja o discurso, trará relações de poder intrínsecas, terá um contexto social por trás, terá objetivos a serem cumpridos, terá uma função na instituição da qual faz parte e reproduz papéis sociais dessa instituição (CASSANY; ALIAGAS, 2009). O autor de um texto, por sua vez, tem uma profissão que tem funções sociais, muitas das vezes não explicitadas pelo discurso e que respondem a interesses diversos. O leitor também tem propósitos sociais, sejam políticos, religiosos, pessoais, educacionais etc. Assim sendo, o discurso é utilizado de formas particulares em cada comunidade, instituição, situação, etc., a depender dos propósitos sociais do autor e leitor. Para o autor,

O papel que adotam o autor e o leitor varia; a estrutura do texto ou as formas de cortesia são as específicas de cada caso, o raciocínio e a retórica também são particulares da cultura, assim como o léxico e o estilo são sociais.¹² (CASSANY, 2006, p.7)

Em resumo, a perspectiva sociocultural não entende a leitura apenas como um processo percepto-visual ou psicológico realizado através da decodificação de unidades linguísticas e das capacidades cognitivas. Vai além disso, mas reparemos que não os desconsidera, é uma prática cultural que faz parte de uma comunidade específica com particularidades sociais e históricas. Depreender significados de um texto é reconhecer essas particularidades, reconhecer que funções um texto exerce em determinada comunidade, em determinado contexto e quais as intenções do discurso. Para tanto, é necessário que o leitor utilize seus conhecimentos, não só

¹¹ Tradução nossa. Original: “el discurso no surge de la nada. Siempre hay alguien detrás. El discurso refleja sus puntos de vista, su visión del mundo. Comprender el discurso es comprender esta visión del mundo”.

¹² Tradução nossa. Original: “El rol que adoptan el autor y el lector varia; la estructura del texto o las formas de cortesia son las específicas de cada caso, el razonamiento y la retórica también son particulares de la cultura, así como el léxico y el estilo son sociales”.

linguísticos, mas também socioculturais.

O entendimento de que **nenhum discurso surge do nada** e que, tampouco, **pode dissociar-se do autor e leitor** têm base na teoria da Análise Crítica do Discurso desenvolvida por Fairclough e abordada por Van Dijk (1999); Magalhães (2001) e Cassany (2006), Azevedo (2010) entre outros. Segundo essa teoria, o texto deve ser entendido como um evento discursivo e, como tal, ele é revestido por aspectos sociais ligados a formações ideológicas e formas de poder, características encontradas na concepção defendida por Cassany.

As concepções linguística, psicolinguística e sociocultural não são, de maneira nenhuma, excludentes, mas sim complementares e, como destaca o autor (2006), o melhor seria combiná-las em uma prática didática integradora, explorando o entorno do aprendiz, a capacidade de decodificação individual, a capacidade de inferenciação, somando essas dimensões aos valores ideológicos que perpassam todos e qualquer texto que temos contato no dia a dia. Podemos dizer que elas conseguem englobar de maneira bastante consistente as formas distintas de entender o processo de leitura, desde concepções mais mecânicas ou rudimentares às mais atuais que têm consciência do caráter multidimensional do ler.

Neste trabalho, nos debruçaremos sobre as teorias brevemente descritas, com atenção especial as suas duas últimas concepções de leitura. Além do que, acreditamos ser impossível dissociar a concepção de leitura psicolinguística da sociocultural, justamente por serem complementares, já que o social molda o psicológico.

Após esta exemplificação, elaboramos, a seguir, um quadro comparativo entre as três concepções de Cassany, abordando seus princípios, suas práticas, seus materiais e suas consequências para o ensino de leitura.

Quadro 1: Concepções de leitura baseado em Daniel Cassany

Concepção / Características	Linguística	Psicolinguística	Sociocultural
Foco	<ul style="list-style-type: none"> No código, ler consiste em decodificar tecnicamente as palavras. 	<ul style="list-style-type: none"> No desenvolvimento de ferramentas cognitivas usadas na compreensão. 	<ul style="list-style-type: none"> Na prática social vinculada, suas instituições, ideologias e visões de mundo.
Visão de leitura	<ul style="list-style-type: none"> Ler se associa à ampliação do vocabulário, aprender as regras sintáticas e gramaticais da linguagem. 	<ul style="list-style-type: none"> Ler é recuperar conhecimentos prévios, para fazer inferências, formulando hipóteses, deduções etc. 	<ul style="list-style-type: none"> Ler é adotar uma posição crítica em relação ao texto, a suas ideologias e valores subjacentes.
Depreensão de significados	<ul style="list-style-type: none"> É universal, todos leitores captam o mesmo significado independente do contexto, época, ideologia etc. 	<ul style="list-style-type: none"> Cada leitor aportará ao texto conhecimentos distintos, logo os significados variam segundo o conhecimento prévio dos leitores. 	<ul style="list-style-type: none"> O significado nunca será universal, dependerá da relação do leitor com o texto, seus contextos, sua ideologia, suas crenças e capacidade crítica.
Materiais para o ensino da leitura	<ul style="list-style-type: none"> Se vale de textos construídos para o uso em sala de aula, em especial se debruça sobre as formas corretas e cultas da escrita. Pouco importa as relações reais entre indivíduos. 	<ul style="list-style-type: none"> Utiliza textos variados que se relacionam com as necessidades dos estudantes e seu entorno social, como canções, notícias, artigos de opinião, poemas etc. Importa mais a forma cotidiana da linguagem e seus usos corriqueiros que a forma culta. 	<ul style="list-style-type: none"> Além de textos variados (como a psicolinguística), utiliza em especial textos vernáculos e multimodais da prática diária dos aprendizes como SMS, Chats, cartas pessoais etc., ou seja, práticas que não são aprendidas na Escola.
Suas atividades	<ul style="list-style-type: none"> Buscam respostas protocolares entre os leitores, perguntas de identificação de informações explícitas ou completar lacunas são comuns. Atividades para oralizar os escritos são também comuns, assim como o reconhecimento dos sinais gráficos. 	<ul style="list-style-type: none"> Buscam compreender a coerência global dos textos a partir dos conhecimentos prévios dos alunos e das pistas que deixa o autor. Atividades de pré-leitura são comuns para ativar os conhecimentos prévios. 	<ul style="list-style-type: none"> Buscam compreender as perspectivas, ideologias e visões de mundo contidas nos textos e suas consequências para a comunidade em que se veiculam. São comuns atividades que questionam sobre o cotidiano e que exploram o posicionamento crítico dos estudantes.
Consequências para o ensino	<ul style="list-style-type: none"> Forma leitores pouco críticos acostumados a leituras superficiais. Importante para a sensibilização com o ato de ler. 	<ul style="list-style-type: none"> Forma leitores ativos que exploram seus conhecimentos prévios e os relacionam com o texto. Não exige posicionamento crítico. 	<ul style="list-style-type: none"> Forma leitores críticos, proativos e questionadores que percebem as relações e interesses intrínsecos nos discursos.

Fonte: elaborado pelo autor; baseado em Cassany (2006; 2009; 2010)

Percurso didático 1: como se somam a sociedade o discurso e a cognição para a construção de significados (gênero canção).

Nesta seção, apresentamos um exemplo prático para que possamos perceber, com mais clareza, como as distintas concepções se relacionam com o tipo de leitura que se elabora. A

seguir, faremos um exercício reflexivo breve, reproduzimos um excerto de uma canção e pede-se que o leitor o leia com atenção e tente responder à seguinte questão: **qual o contexto abordado neste trecho?**

Lembremos que ler é compreender, inferir (deduzir, prever etc.), decodificar, relacionar, construir, observar relações de poder, intenções do autor etc.

“Amanheceu com sol, dois de outubro. Tudo funcionando, limpeza, jumbo. De madrugada eu senti um calafrio. Não era do vento, não era do frio. Acertos de conta tem quase todo dia. Ia ter outra logo mais, eu sabia. Lealdade é o que todo preso tenta. Conseguir a paz, de forma violenta. Se um salafrário sacanear alguém, leva ponto na cara igual Frankenstein Fumaça na janela, tem fogo na cela. Fodeu, foi além, se pã!, tem refém. Na maioria, se deixou envolver por uns cinco ou seis que não

têm nada a perder. Dois ladrões considerados passaram a discutir. Mas não imaginavam o que estaria por vir. Traficantes, homicidas, estelionatários. Uma maioria de moleque primário. Era a brecha que o sistema queria. Avise o IML, chegou o grande dia. Depende do sim ou não de um só homem. Que prefere ser neutro pelo telefone. Ratatata, caviar e champanhe. Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe”¹³

Após a leitura, o leitor conseguiu depreender o contexto abordado? Caso a resposta seja negativa, com apenas uma palavra chave podemos colaborar para a compreensão de todo o trecho: Carandiru. Em caso de resposta afirmativa, pedimos que o leitor tente refletir sobre os conhecimentos que precisou recuperar para compreendê-lo ou as estratégias de leitura que acionou para a realização da tarefa.

Sob a concepção Linguística, acreditamos que não há problemas de compreensão, pois a leitura se desenvolve sem percalços lexicais, não há palavras rebuscadas ou em desuso no português brasileiro. Há gírias, como “se pã” que é similar ao termo “talvez” e “ladrão” que, não necessariamente, se refere aos sujeitos que executam furtos ou roubos, mas, sim, a todo sujeito preso na cadeia. No entanto, os termos destacados não prejudicam a leitura fluida da canção e ainda que o leitor tenha compreendido todas as palavras, mas não tenha chegado ao contexto do discurso, ficará claro que os significados não residem apenas nas unidades lexicais e demonstra a importância de somar esta concepção às outras, vejamos.

¹³ A canção aborda o massacre do Carandiru ocorrido após ação da Polícia Militar que foi ordenada pelo, então, governador do Estado de São Paulo, Luís Antônio Fleury Filho, em 02 de outubro de 1992, na qual morreram 111 internos.

Sob a concepção Psicolinguística, o leitor necessita recuperar seus conhecimentos prévios sobre o tema, elaborar inferências a partir de pistas deixadas pelo autor, tais como a data “*dois de outubro*”, o nome “*Fleuri*”, o “*grande dia*” para o “*IML*”, o significado dessa sigla e, caso o pacote de conhecimento Carandiru esteja armazenado em sua memória (de trabalho ou de longo prazo), pode-se chegar ao contexto abordado. Além disso, a partir das pistas podemos inferir outras informações como: Fleuri deu a ordem para o massacre, que a rebelião se iniciou por uma briga entre presos motivada por vingança, que o Estado já esperava por essa “oportunidade”, que o IML é um termo relacionado à mortes, dentre outras várias inferências que serão ativadas de acordo com os conhecimentos prévios de cada leitor e que podem ser confirmadas ou refutadas pela realidade dos fatos.

Sob a concepção sociocultural, o leitor precisa posicionar-se criticamente sobre os aspectos sociais que perpassam o texto; buscar entender sob qual perspectiva a canção foi escrita a partir de autoquestionamentos: a voz na canção é do presidiário ou do Estado? Qual intenção do enunciador, se é posicionar-se a favor ou contra a ordem de Estado. Qual possível ideologia é sustentada no texto? Que função social a canção pode exercer na comunidade em que é veiculada, se informativa ou denunciativa? O autor da canção se relaciona pessoalmente com o contexto narrado? Qual o público-alvo da canção? O leitor se identifica de alguma maneira com o contexto da canção? Ele pode aportar soluções e outras reflexões sociais para o tema tratado? Em suma, o leitor precisa relacionar-se de maneira pessoal e subjetiva com o texto para compreender seus significados.

Percurso didático 2: como se somam a sociedade o discurso e a cognição para a construção de significados (gênero tirinha).

Para dar prosseguimento aos argumentos anteriores, gostaríamos de oferecer uma proposta de leitura a partir do gênero tirinha, sob os pontos de vista do estudo em tela, esse é um gênero bastante representativo sobre como uma leitura deve ser elaborada a partir da soma das três perspectivas abordadas anteriormente, visto que nas tirinhas há a necessidade de inserir diversos significados em pequenas dimensões, somando-se a isso imagens e textos curtos, assim fica evidenciado como os conhecimentos socioculturais e as inferências trabalham simultaneamente durante a leitura. A seguir, apresentamos uma tirinha retirada do livro *Toda Mafalda* do cartunista argentino Quino, para passarmos a este exemplo, pedimos ao leitor que perceba quais os conhecimentos socioculturais são recuperados durante a leitura, que identifique as inferências que faz durante e após a leitura, que reflita sobre as imagens e

suas relações com as informações léxicas e contextuais, e como a soma dessas dimensões constroem o significado para a mensagem que o autor deseja expressar.

Figura 1: Prólogo do livro Toda Mafalda (2008)



Fonte: LAVADO, Joaquín Salvador, Toda Mafalda, 2008, Prólogo.

Destacar a escolha do gênero tirinha é bastante relevante para as reflexões deste estudo, visto que, em geral, traz críticas e reflexões sobre contextos sociais, históricos, políticos etc., podem ser carregadas de humor, ironias, sarcasmo, trocadilhos e sempre apresentam riqueza linguística, histórica, cultural e crítica. Têm o objetivo de alertar seu público alvo sobre problemas sociais, criticar atividades políticas, advertir sobre situações de relevância pública etc. Portanto, para que o leitor possa compreendê-la completamente e posicionar-se criticamente sobre seus temas é necessário promover a interrelação entre vários tipos de conhecimentos e de várias habilidades e estratégias de leitura. Abaixo apresentamos alguns dos conhecimentos e inferências que auxiliam na depreensão de sentidos da imagem acima. Destacamos, porém, que o processo não ocorre de maneira hierárquica ou linear como apresentado a seguir, mas sim que são processos concomitantes que se retroalimentam. A proposta seguinte tem caráter didático e é apenas uma entre várias que se podem elaborar.

Quanto aos conhecimentos linguísticos, acreditamos que o leitor não tenha tido problemas de interpretação, ainda que alguns termos possam causar estranheza como “CIA” e “Plis”. Para entendê-los, é necessário que os primeiros conhecimentos linguísticos e socioculturais sejam explorados, necessitamos saber que CIA é a sigla em inglês da agência de inteligência dos Estados Unidos e que “Plis” é uma adaptação do termo “Please” do inglês. É necessário, também, reconhecer que o uso da palavra “infiltrarse” não se faz sem intenções discursivas do autor, pois há um jogo de sentidos que relaciona o termo CIA, à palavra

“infiltrarse” e ao segundo personagem, logo temos, ao mesmo tempo, um bom exemplo da perspectiva linguística para a construção de sentido.

Dando continuidade, vemos a necessidade de que mais conhecimentos socioculturais sejam explorados, é necessário saber que os personagens pertencem a histórias diferentes. O primeiro é Filipe que pertence às tirinhas de Mafalda, personagem latino-americano de caráter fortemente crítico e militante, e o segundo é Snoopy, personagem icônico dos Estados Unidos e criado por Charles Schulz. Ademais, exige-se que saibamos que a CIA, por estratégias militares, envia agentes para que se infiltrem em países de interesse dos Estadunidenses. As tarefas feitas até o momento relacionam-se aos conteúdos proposicionais da imagem, no entanto isso não garante a compreensão completa do texto. Mas podem influenciar no tipo de significados que são elaboradas ao longo e após a leitura.

Ainda nos falta compreender as informações extratextuais não explícitas e fazer inferências sobre seu contexto de produção, sobre as ideologias do autor, sobre para quem o texto se dirige, seus discursos prévios e se o texto possui ideologias políticas etc. Todas essas informações serão construídas pelo leitor e poderão ser confirmadas ou canceladas, dependendo da interpretação e dos conhecimentos prévios que apótem ao texto.

Pode-se, por exemplo, inferir que a tirinha foi elaborada durante as ditaduras militares na América Latina, período de maior atividade e influência da CIA nessa região principalmente por meio da operação CONDOR¹⁴ em que os Estados Unidos disponibilizam recursos bélicos, financeiros, estratégicos e humanos para reprimir opositores desses regimes ditatoriais militares, em geral indivíduos de esquerda. Podemos inferir que o local de divulgação seja justamente países que estiveram sob a ação dessa operação e que seu público alvo seja os indivíduos opositores a esse regime.

Por meio das pistas deixadas, podemos inferir que o texto apresenta uma ideologia política contrária à ditas ações dos Estados Unidos o que nos remete diretamente à ideologia dos autores, tanto do personagem Filipe como do personagem Snoopy, o primeiro por acreditar que o segundo é um infiltrado e o segundo por refutar ser um enviado da CIA. Inferimos que seu discurso dialoga com discursos da esquerda latino-americana que, historicamente, se opõem às políticas de abertura oferecida pelos governos de direita aos EUA. Essas e outras

¹⁴ Operação de cooperação entre os regimes militares da América do Sul (Brasil, Chile, Bolívia, Argentina, Paraguai e Uruguai) e os Estados Unidos da América para combater opositores desses regimes. Dentre as ações ocorridas, podemos destacar sequestros de opositores, assassinatos e tortura.

inferências podem ser feitas para a apreensão de significados do texto, no entanto elas variarão de acordo com os conhecimentos prévios de cada leitor, além do que podem ser modificadas dependendo do contexto de leitura e de divulgação, dos conhecimentos prévios, ideologias as quais os leitores se filiam etc.

Através dessas ações, os leitores serão capazes de perceber que a tirinha possui caráter cultural e ideológico (como qualquer texto), poderão posicionar-se criticamente sobre o tema do texto, deverão refletir sobre sua realidade e como, ou se, isso lhes afeta, perceberão que há discursos e ideologias que perpassam a produção de todo e qualquer texto, que a presença do autor se dá através de pistas linguísticas, marcas de estilo, visuais etc., compreenderão que a escolha do gênero discursivo é por si uma amostra ideológica. E, por fim, se perceberão como sujeitos capazes de propor e promover mudanças sociais e melhorias para si e para os outros.

Como já dito, as duas propostas para perceber as perspectivas de leitura em ação para a construção de significados não visam a esgotar o tema ou apresentar um caráter prescritivo para o trabalho com a leitura em salas de aula, mas, sim, desejamos refletir sobre formas distintas para elaborar atividades para desenvolver a capacidade leitoras dos alunos e como, dependendo da perspectiva que o professor adote, os resultados de uma leitura serão variados e, até mesmo, podem desperdiçar oportunidades para o desenvolvimento social e crítico dos estudantes.

Comentários finais

Neste trabalho, buscamos apresentar um panorama sobre as três concepções de leitura discutidas nos trabalhos de Daniel Cassany, a linguística, a psicolinguística e a sociocultural, que são, sob as premissas defendidas aqui, um caminho possível para a execução de atividades de leitura em sala de aula, pois, a partir de suas abordagens, podemos explorar de maneira concomitante os conhecimentos provenientes do *continuum* sociedade/discurso/cognição que contribuem para o desenvolvimento dos saberes linguísticos dos estudantes e soma-los à capacidade de complementar informações que não são explícitas nos textos, através de inferências, e os conhecimentos socioculturais que os alunos trazem para dentro da escola, assim transformando as atividades de leitura em espaços de discussão, reflexão e, conseqüentemente, de formação crítica.

A partir das teorias e do quadro apresentado, visamos a apresentar sugestões para que professores possam refletir sobre qual a perspectiva em que sua prática cotidiana se insere e que, a partir disto, possamos promover um prática que não foque apenas no código, mas, sim,

que perpassa as distintas dimensões que servem à construção de significados e, se assim o professor desejar, caminhar em direção a uma prática de leitura sociocultural. Quanto às análises propostas, este trabalho não objetiva esgotar o tema ou ser prescritivo, mas, sim, refletir sobre possíveis caminhos podemos seguir nas escolas para estabelecer práticas de leituras mais integradoras e significativas para os estudantes e seus contextos sociais.

Por fim, esperamos que este estudo possa gerar novas discussões para complementar o assunto e somar-se a ele, visto que o tema é bastante abrangente e necessita que outros professores e pesquisadores aportem seus pontos de vista, teóricos e práticos, para seu contínuo desenvolvimento.

Referências

- AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta de. **Estrutura narrativa e espaços mentais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. 249 p. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Estrutura Narrativa & Espaços Mentais.pdf](http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Estrutura%20Narrativa%20&%20Espa%C3%A7os%20Mentais.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- CASSANY, Daniel. *Tras las líneas*. Sobre la lectura contemporánea. Barcelona: Anagrama, 2006.
- CASSANY, Daniel; ALIAGAS, Cristina. Miradas y propuestas sobre la lectura. In: Para ser letrados: voces y miradas sobre la lectura. Barcelona: Paidós, 2009. p. 13 -22.
- CASSANY, Daniel; CASTELLÀ, M. Josep. Aproximación a la literacidad crítica. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 353-374, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/VQrzSU>>. Acesso em: 04 abr. 2020.
- COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. Da decodificação à leitura crítica: por onde transita o livro didático de espanhol? Revista X, vol. 1, p. 59 -77, 2011.
- DIÁRIO DE UM DETENTO – Racionais MC's, Sobrevivendo no Inferno, 1997, Compositor Jocenir.
- KLEIMAN, Ângela B. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas; Pontes, 4ª ed., 1995.
- LAVADO, Joaquín Salvador. **Toda Mafalda**. Buenos Aires: Ediciones de La Flor S.r.l., 2008. 659 p.
- MAGALHÃES, Célia Maria. A análise crítica do discurso enquanto teoria e método de estudo. In: MAGALHÃES, Célia Maria (Org.). **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. Cap. 1. p. 15-30.
- VAN DIJK, Teun A. El análisis crítico del discurso. *Anthropos*, Barcelona, n. 186, p.23-36, set. 1999.
- VYGOTSKY, Lev Semyonovich. A formação social da mente. 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998. 182 p.